

*O Juiz foi o melhor advogado de defesa*

Os juízes, muitas vêzes, julgam. Outras vêzes, são julgados. Feitos de carne e osso, sujeitos a tôdas as contingências, a tôdas as seduções, a tôdas as fraquezas que tornam os homens mais homens ou menos homens, sobretudo mortais, vulneráveis e ilógicos, os juízes estão expostos, talvez mais que outros de nós, aos chamados erros essenciais e irreparáveis. Muitas vêzes, a sua sentença é definitiva e irremediável, principalmente nos países onde existe a pena de morte. Quando o juiz acerta, a sociedade faz justiça. Quando o juiz erra, o êrro é seu, êrro de magistrado, de pessoa, de homem, de técnico. Ele deve arrastar sòzinho com tôdas as pesadas conseqüências da má interpretação, e ninguém sofre mais, nem o próprio réu injustiçado, que êle próprio, o juiz, se além de juiz, é homem de bem.

Um dêles, o íntegro Bandeira Stampa, dizia, recentemente, que as grandes verdades estão na consciência de todos os homens honestos. Não há construção técnico-



jurídica capaz de superar a razão, o bom-senso de todo homem que sente, na própria carne, o que os interesses do grupo social a que pertence reclama, sob a contingência das grandes coordenadas de lugar e de tempo, para que se alcance justiça. Porque, no raciocínio lógico e humano dêsse lógico e humano juiz, o direito é concebido na consciência do homem simples, no entendimento do homem médio, embora o direito ocorra aparentemente desde a vigência da lei que o consagra.

O juiz não é um padre. Não pode fazer, da lei escrita, o dogma, o ritual litúrgico que lhe invade a alma e lhe dá opacidade mística à consciência que não deseja, que não tenta e se recusa a buscar solução menos técnica e mais justa para os casos que dependem menos da insensibilidade dos códigos que da sua própria sensibilidade de homem. O juiz não é também um chefe de seção, de regulamento em punho, aplicando os itens com tôdas as vírgulas da rotina e da mediocridade que lhe vai da gaveta até a alma, embora algo lá dentro, algo que escapou ao môfo da regularidade, lhe diga baixinho que não é justo o que está fazendo. De que vale dizer: "Sinto muito, mas não tenho outra alternativa" e executar aquilo que a Lei prescreve, mas a consciência repele? Os magistrados, os juriconsultos, os promotores e os advogados de defesa ou de acusação não podem fazer da justiça um culto particular, uma espécie de maçonaria ou de esoterismo para o círculo impenetrável e restrito dos iniciados. Não podem fazer a indústria da justiça, como a UDN faz na política a indústria da honestidade. Houve um juiz que confessou o estado de alma de alguns juízes que julgam contra a própria consciência, julgando que o fazem dentro da lógica inexorável: deploram o rito, mas o executam, com os olhos cheios de espanto, convencidos de que estão obedecendo aos imperativos de sua função, ante o altar da regularidade. Donde se conclui que a concepção teológica da função do direito deve estar sempre no espírito do juiz, de cada juiz, que deve ter consciência do momento em que o livre exercício da vontade,



dirigido com o propósito de promover o bem comum, deve determinar a forma e a tendência de uma regra. Muitas vezes, essa justiça ideal pode nascer até das excentricidades mórbidas de um Alcino Pinto Falcão, mas se torna um instante criador quando surge do êrro sublime de um Néilson Hungria, compreensivo, sentimental e humano, na individualização do direito que êle ajuda a codificar através de muitos anos de livros, que é a sua vida. Tais circunstâncias permitem que a função do juiz, quando exercida com excessiva preocupação científica, dentro de formas preestabelecidas, de acôrdo com uma convenção que êle, um juiz togado mas não algemado nem bitolado, justo mas não de antolhos, imagina servir e respeitar como um sacerdote erguendo a sua hóstia. Ante o altar da regularidade de uma justiça que para ser justa precisa ser irregular e adaptável. E ter um pouco de cada juiz, de cada julgado e de cada episódio. Ora, tais circunstâncias autorizam a crítica à decisão do juiz que parece ter cometido injustiça, transformando-se no melhor de todos os advogados de defesa, ao buscar os furos da Lei.